

## A PRÁTICA DOCENTE E A FORMAÇÃO CONTINUADA PRESENTES NO PROJETO “FORMAÇÃO DE PROFESSORES E CIDADANIA SOCIAL: UM TRABALHO PEDAGÓGICO JUNTO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E AMBIENTAL”

João Vinicius Dos Santos Bobek\*

**Resumo:** O projeto de extensão intitulado *Formação de professores e cidadania social: um trabalho pedagógico junto ao patrimônio histórico e ambiental* foi aprovado no Programa de Extensão Universitária – Universidade sem Fronteiras – SETI – PR – Apoio às Licenciaturas (2007-2009), tendo como objetivo criar espaços de discussões e reflexões teórico-práticas entre futuros educadores, professores egressos e profissionais atuantes no ensino, em mútuo processo de formação, contribuindo para a formação inicial e continuada dos educadores atuantes no ensino de História e Geografia, assim como, no processo de formação escolar dos alunos da educação básica.

**Palavras-chave:** Formação continuada. Educação patrimonial.

### TEACHING PRACTICE AND CONTINUING EDUCATION: HELPING TEACHERS LEARN ABOUT THE ENVIRONMENT AND THE HERITAGE IN WHICH THEY TEACH

**Abstract:** Extension of the project, Pedagogy Courses, was approved by the Continuing Education Program of University Without Borders, located in SETI, Parana, for the support of undergraduates (2007 to 2009) to create the opportunity for discussion and reflection between the following groups: theoretical and practical future educators, retired teachers, teachers on the job—all working together in the process of teaching each other.

**Keywords:** Continuous education. Heritage. Education.

### Introdução

A educação se constitui como um importante meio de acesso aos bens culturais e um caminho para a emancipação dos sujeitos, pois é através dela que adquirimos conhecimentos necessários para melhor participar, de modo autônomo e consciente, dos diferentes espaços sociais e políticos e também do mundo profissional.

Nesse sentido, a educação é imprescindível para o exercício da cidadania e dos demais direitos dos cidadãos, nos diferentes espaços sociais. Daí a necessidade do professor estar constantemente refletindo acerca de sua própria prática, e também estar em contínua busca de novos conhecimentos, fazendo de sua prática pedagógica uma verdadeira práxis, na qual o conhecimento converte-se em ação transformadora e a ação

transformadora converte-se em conhecimento, assumindo um verdadeiro comprometimento com o ensino.

Compreendemos que são muitos os desafios a serem enfrentados pelos profissionais da educação. O novo modelo social que se impõe traz novas e diferentes tarefas para a educação, de forma que é preciso compreender e refletir o trabalho pedagógico numa dimensão maior, que abrange não somente o espaço da sala de aula, mas toda uma sociedade que pede por transformações. E por onde podemos começar?

A educação é um caminho através do qual é possível assegurar e dar continuidade a um projeto de vida, enriquecendo-o e ampliando-o cada vez mais. É um processo que nos permite ampliar e aperfeiçoar o nosso olhar, no sentido de conhecer e compreender com mais clareza o mundo em que vivemos, tornando-nos também capazes de transformar o meio social que nos cerca. Por intermédio da educação, podemos crescer enquanto seres humanos e intervir na história, nos identificando enquanto agentes históricos capazes de modificar os rumos da sociedade, construindo um mundo mais justo e solidário.

Assim sendo, a educação assume um importante papel na formação dos sujeitos sociais, possibilitando-lhes uma ação política mais consciente. Partindo de tal pressuposto, o Projeto *Formação de professores e cidadania social: um trabalho pedagógico junto ao patrimônio histórico e ambiental* em parceria com o Programa de Extensão Universitária – Universidade sem Fronteiras – SETI/PR – Apoio às Licenciaturas, visa criar espaços de discussões e reflexões teórico-práticas entre futuros professores, professores egressos e profissionais atuantes no ensino, em mútuo processo de formação, contribuindo para a formação inicial e continuada dos educadores atuantes no ensino de História e Geografia e no processo de formação escolar dos alunos da educação básica.

O recente projeto articulou as diretrizes da educação básica, que propõe a formação continuada de professores que atuam no ensino básico, ampliação de atividades que desenvolvam a criticidade nos alunos, proporcionando momentos de produção do conhecimento e disseminação cultural.

Desta forma, contribuímos para melhorar a qualidade de projetos desenvolvidos por professores de história e geografia, colaboramos também para a formação continuada destes profissionais, criando um fórum de discussão entre professores universitários, professores da educação básica, professores egressos que ainda não atuam no mercado de trabalho e alunos de graduação, o que favorece a troca de experiências e socialização do saber.

De acordo com Cunha:

A formação continuada apresenta formato e duração diferenciados, assumindo a perspectiva da formação como processo. Tanto pode ter origem na iniciativa dos interessados como pode inserir-se em programas

institucionais. Neste último, os sistemas de ensino, universidades e escolas são as principais agências de tais tipos de formação. (2003, p. 368).

Propusemos discutir a questão do patrimônio histórico e ambiental, problematizando acerca da relação entre qualidade de vida e meio ambiente e valorizando as diferentes dimensões do patrimônio cultural, local e regional, bem como contribuir para o desenvolvimento da consciência preservacionista enquanto referencial da identidade cultural e construção da cidadania.

O professor deve ser consciente de seu papel na sociedade, atuando na realidade escolar de forma ativa e transformadora, interagindo na fronteira do ensino e da pesquisa, sendo conhecedor das principais questões atuais relacionadas com seu trabalho. (SCHIMIDT, 1997, p. 144).

Acreditamos que o profissional do ensino não pode ser apenas um transmissor de conhecimentos prontos e acabados, deve ser capaz de elaborar problemáticas de pesquisa, saber trabalhar com os documentos históricos, sendo, portanto, um “construtor” do conhecimento, e trabalhando no intuito de fazer com que seus alunos participem da construção desse conhecimento histórico e se vejam como sujeitos da sua história.

Segundo Demo:

Um professor destituído de pesquisa, incapaz de elaboração própria é figura ultrapassada, uma espécie de sobra que reproduz sobras. Uma instituição universitária que não sinaliza, desenha e provoca o futuro encalhou no passado. (1994, p. 27).

Um saber transmitido como se já estivesse resolvido não leva o aluno à investigação. A verdadeira aprendizagem se dá através de pesquisas, discussões e descobertas. Na prática da sala de aula, o conhecimento a ser ensinado deve ser algo significativo na vida dos alunos, pois desse modo eles desenvolverão uma atitude ativa na construção do saber.

Embora uma perspectiva de ensino de História norteado pela historiografia recente esteja presente nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997) e nas *Diretrizes Curriculares do Paraná* (2006), na prática, muitas vezes, os conteúdos privilegiados em sala de aula, ainda são pautados na ideia de uma memória unilateral, de um passado sem conflitos e contradições sociais, heranças de uma tradição seletiva dos conteúdos. Com a permanência de um “ensino tradicional” uma comunidade não reconhece a importância da história local e da preservação da memória (ORIÁ, 1997, p. 151-159).

Com a ampliação da noção de documento histórico e as transformações na sua própria concepção, é de extrema importância o seu uso em sala de aula, pois facilita a compreensão por parte dos alunos e torna o ensino mais

atraente. Outro aspecto a ressaltar é que o uso da documentação histórica pelo aluno o leva a superação da ideia de documento como prova do real, desenvolvendo dessa maneira seu espírito crítico.

Levando-se em consideração a ideia de patrimônio como algo que não se limita apenas a bens tangíveis como o “*patrimônio de pedra e cal*” (ORÍÁ, 1997, p. 131); que compreende casarões, monumentos, edifícios, entre outros, mas que abrange também bens intangíveis como manifestações culturais, que são criadas e recriadas ao longo do tempo por diferentes povos, pode-se trabalhar juntamente com os alunos a recuperação da história local, as manifestações artísticas e culturais de uma dada comunidade através da história oral.

Segundo o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), define-se Patrimônio Cultural Imaterial como sendo,

As práticas, representações, expressões, conhecimento, técnicas, instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, assim para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana. (LEI Nº 2568, de 15 de março de 2007).

O conhecimento do patrimônio imaterial de uma determinada comunidade possibilita a compreensão das normas sociais, costumes e tradições presentes nesta localidade. Dessa forma, o conhecimento destes valores possibilita analisar as transformações ocorridas, os avanços e retrocessos vivenciados e as possibilidades de transformações que podem ser realizadas através das ações dos sujeitos sociais.

O trabalho com fontes escritas ou orais permite aos alunos e a comunidade conhecer outros aspectos da história, feita por “pessoas comuns”, e lhes permitem reconhecer-se enquanto sujeitos da história, diminuindo a distância entre a história que se ensina e a história que se escreve, ampliando assim suas percepções do mundo e do homem.

### **Construindo conhecimento: *Projeto Formação de Professores – trajetórias e resultados***

Neste projeto que já foi desenvolvido, inicialmente formou-se um grupo de estudos visando uma fundamentação teórico-metodológica da equipe executora formada pela coordenadora do projeto, a egressa do curso de licenciatura em História, por quatro professores do ensino superior, como

orientadores e três acadêmico-estagiárias do curso de licenciatura em História.

Este grupo de estudos conjuntamente selecionou alguns textos embaixadores para suas ações a respeito das temáticas da cidadania, patrimônio histórico e ambiental, os quais são discutidos durante as reuniões semanais do grupo. Na organização do trabalho, inicialmente fez-se o levantamento de todas as instituições escolares públicas estaduais, dos seis municípios contemplados com a realização do projeto – Guamiranga, Imbituva, Ipiranga, Irati, Ivaí e Prudentópolis e, na sequência fez-se um contato inicial com essas instituições para adesão dos professores atuantes no ensino de História e Geografia, no terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental.

Essa fase foi preparatória para as demais atividades, como a Oficina Pedagógica sobre Educação Patrimonial, na qual foi destacada a análise do patrimônio cultural regional, de maneira a propiciar novas alternativas para educação. Além do trabalho com o referencial teórico-metodológico, foram apresentadas propostas alternativas, para elaboração de projetos de ensino, com atividades práticas a serem realizadas; orientações sobre a elaboração de projetos de ensino a serem desenvolvidos pelos professores da educação básica junto aos alunos do terceiro e quarto ciclos através de pesquisa documental, estudo do meio, recuperação de memória por meio de história oral e, sobretudo, da possibilidade de produção de materiais alternativos.

Posteriormente, deu-se o desenvolvimento das atividades previstas nos projetos de ensino, pelos professores da educação básica junto aos alunos, atendendo as etapas: estudo preliminar sobre patrimônio cultural; organização das atividades de campo; elaboração de um roteiro de visitas e/ou entrevistas, sendo que neste período houve reuniões de orientação com a equipe do projeto Formação de Professores, nas quais foram feitos os planejamentos das atividades até o próximo encontro.

Terminadas as atividades com os alunos, a socialização dos dados coletados na pesquisa de campo deu-se através da exposição destes trabalhos em feiras culturais realizadas nas instituições escolares nas quais foram desenvolvidos os projetos, e como atividade final, foi proposta a elaboração de relatórios circunstanciados sobre a atividade desenvolvida.

Alguns dos projetos de preservação do patrimônio histórico e cultural, desenvolvidos em parceria com escolas, propiciaram a oportunidade das crianças e adolescentes conhecerem um pouco mais sobre a história dos locais onde vivem muitas vezes deixados de lado em favor da história dos “grandes acontecimentos”.

Na perspectiva de Ricardo Oriá, educação patrimonial,

Compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de

cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhes propiciar informações acerca do acervo cultural, de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e o consequente interesse pelo tema. (ORIÁ, 2008).

Dessa forma, a comunidade ajuda a resgatar, ainda que parcialmente, a sua própria história. São lembranças que surgem a partir de documentos, cartas, fotografias, e principalmente, da história das pessoas do lugar. Muitos subprojetos desenvolvidos nestes municípios utilizaram-se da história oral para recuperar a memória de comunidades, bairros e cidades. Uma história feita por pessoas comuns, através de lembranças do cotidiano e fatos da vida em comunidade, como festas, sistema de ensino, política, relações de poder e amizade.

Quando os eventos históricos deixaram de ser analisados somente seguindo uma linha temporal, mas também dentro de um contexto de rupturas, permanências e transformações culturais é que a memória foi ganhando espaço nos trabalhos historiográficos, abrindo novos campos de pesquisa. Surgiram novos objetos e os historiadores passaram a se interessar por outros objetos de pesquisa, como as formas de sociabilidade, vida cotidiana, ritos e festas, família entre outros. Temas estes que podem ser investigados através da história oral.

De acordo com Alberti, *“passou-se também a valorizar a análise quantitativa, e o relato pessoal deixou de ser visto como exclusivo de seu autor, tornando-se capaz de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em determinada configuração histórica e social.”* (ALBERTI, 2005, p. 165).

O uso da história oral permite ao historiador preencher algumas lacunas presentes na documentação oficial, enriquecendo dessa forma o trabalho histórico através de novas perspectivas e de pontos de vista diferenciados, possibilitando uma análise mais ampla sobre a sociedade do período estudado. Mas, também, segundo Meihy, *“é importante ressaltar que se pode assumi-la isoladamente a partir da análise das narrativas para a observação de aspectos não revelados pela objetividade dos documentos escritos.”* (MEIHY, 2002, p. 24).

Desse modo, são reconstruídas histórias do passado que servem também de instrumento para reforçar os laços e identidades existentes nestas comunidades, possibilitando um maior conhecimento sobre os sentimentos, as experiências pessoais e familiares de indivíduos que moraram ou ainda moram na favela, relatos de acontecimentos marcantes ocorridos nestes espaços abordados por outro viés, ou seja, a história “vista de baixo”.

Os dados apresentados na entrevista nos permitem descortinar uma vida social muito intensa, constituída por festas, passeios, idas ao cinema,

pequenos encontros nos quintais da vizinhança que se caracterizavam como momentos de lazer, propiciando o estabelecimento de novas sociabilidades e a construção de profundos laços de amizade, aproximando as pessoas e dessa forma, tornando a comunidade mais unida.

A utilização da história oral proporciona novas interpretações sobre a história, neste caso, sobre a história de Palmital, permitindo uma análise mais abrangente da história local, das sociabilidades e dos costumes, utilizando-se de dados diferentes dos encontrados na documentação oficial.

Um desses projetos é o *Palmital: memória e patrimônio* desenvolvido na localidade de Palmital – Ivaí (PR), desenvolvido pelas professoras da rede estadual de ensino Ana Paula Dalzoto Salvadori, Ângela Maria Kolitski, Francieli Prox Teodoroski, Marlene Martin, atuantes na Escola Estadual Professora Inê Messias Erdmann, juntamente com os alunos do ensino básico da referida instituição escolar.

A proposta de trabalho buscou envolver professores, alunos e comunidade em geral, que participaram do projeto dando entrevistas e compartilhando fotos e documentos com a equipe, que em muito colaboraram no desenvolvimento do trabalho.

O trabalho ultrapassou os portões da escola, envolvendo muitas outras pessoas que relataram sobre suas histórias e “causos” vividos na localidade de Palmital, em meados das décadas de 30, mostrando o desenvolvimento e as transformações ocorridas na paisagem local, comparando-a através do período da instalação da serraria de propriedade do Sr. Theóphilo Cunha (década de 1930) com os dias atuais.

A instalação da serraria, que posteriormente passou a abarcar também uma indústria de papel e papelão foi o fator preponderante para as transformações ocorridas na paisagem local, pois foi preciso montar toda uma estrutura com casas, farmácia, ambulatório, mercearias e espaços de lazer para acomodar os funcionários da fábrica, que passaram a residir em torno da mesma.

Entretanto, com o fechamento da indústria na década de 1960, houve um retrocesso na estrutura urbana de Palmital, as casas dos funcionários foram retiradas, e aos poucos as demais estruturas acabaram por desaparecer, como o clube e o campo de futebol, entre outros.

A partir destes dados, procurou-se analisar o porquê dessas transformações e posterior retrocesso do desenvolvimento local. Então, o processo de pesquisa seguiu com a discussão do roteiro de entrevistas, levantamento de pessoas a entrevistar, encontro dessas pessoas com os alunos e professores, gravação e transcrição das entrevistas e, finalmente, a exposição dos resultados da pesquisa através de uma exposição de fotos e maquete da vila, confeccionada a partir do que foi relatado nas entrevistas orais e fotos datadas da década de 1930.

Dessa forma, o trabalho buscou analisar o patrimônio histórico-cultural enquanto referencial de identidade da comunidade e construção

da cidadania, valorizando, assim, a história local. Esta interação entre comunidade e escola colaborou na construção de uma nova forma de se trabalhar com a história local, na qual todos se sentem sujeitos da história, e dessa forma, passam a entendê-la sob um novo viés, no qual todos são sujeitos históricos.

### Considerações finais

Segundo Maria de Lourdes Horta, o trabalho da educação patrimonial é *“um instrumento de alfabetização cultural, que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórica – temporal que está inserido.”* (HORTA, 1999, p. 6). Nesse sentido, a educação patrimonial acaba por reforçar a autoestima dos indivíduos e comunidade, ao valorizar sua cultura e também despertar a consciência de todos para a preservação dos bens culturais que os rodeiam.

Com o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se proporcionar subsídios aos professores de História e Geografia participantes do projeto, organizar uma cartilha sobre o patrimônio histórico e ambiental referente a cada município contemplado com o projeto, bem como buscar parcerias para a publicação e divulgação das cartilhas, com fins didáticos. Por fim, salientamos que as atividades propostas vêm contribuir para a ampliação dos horizontes teórico-práticos dos educadores, possibilitando-lhes uma intervenção mais significativa no processo de formação dos alunos para o exercício de uma cidadania social.

### Notas

\* João Vinícius Bobek é professor especialista em metodologia do ensino superior, formado em licenciatura em história pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: jotavini@gmail.com

### Referências

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, C.B.; et al. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

CUNHA, Maria Isabel da. Formação continuada. In: MOROSINI, Marília Costa et al. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.

DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.



MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ORIÁ, Ricardo. **Educação patrimonial: conhecer para preservar**. Disponível em <<http://www.aprendebrasil.com.br>>. Acesso em: 08 Jun. 2008.

ORIÁ, Ricardo. Educação, cidadania, diversidade cultural. In: **Humanidades, Brasília**, v. 43, p. 151-159, 1997.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano em sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

Recebido em: junho de 2010.

Aprovado em: março de 2011.